

Uma professora exemplar

Maria da Glória Bordini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Ninguém fez mais pela literatura portuguesa no sul do país do que a recentemente falecida Profa. Maria Luíza Ritzel Remédios. Seu interesse pela área iniciou cedo, num período dos anos 1960 em que os estudos sobre a produção literária de Portugal não eram cultivados nem valorizados na devida proporção às grandes obras e autores de língua portuguesa de além-mar. Foi especialmente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que Maria Luíza começou a construir, pacientemente, um espaço para as letras portuguesas. Criou a disciplina, formou graduandos, foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, promoveu reuniões e participou de encontros, em que a ideia de que Portugal deveria ser mais considerado nos cursos de letras foi plantada e vingou.

Quando buscou qualificar-se mais, foi chamada pelo inesquecível Ir. Elvo Clemente para fazer parte da primeira turma do Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e lá encontrou aquela que, além de amiga constante, iria orientá-la em sua bem-sucedida tese de doutorado sobre o romance português contemporâneo, Regina Zilberman. Aposentando-se nas lides docentes e administrativas da UFSM, em que deixou fundas marcas e uma reputação cercada de respeito e admiração, foi convidada pela mesma Regina, então coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, a integrar o corpo docente da instituição, pois a seriedade de seu trabalho em Santa Maria, suas habilidades na formação de alunos e na pesquisa a tornavam uma aquisição valiosa para o Programa.

Na PUCRS, Maria Luíza fez tudo pela expansão dos estudos literários portugueses. Além de ministrar aulas, orientou inúmeros mestrandos e doutorandos, publicou artigos, livros e instituiu um influente Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa, o CECLIP, que inicialmente foi ligado diretamente à Reitoria e depois passou para o âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras. Ela não descuidou de

ampliar o acervo de obras literárias e de história e crítica na área de Literatura Portuguesa na biblioteca da universidade e nos últimos anos fundou e manteve um grupo de pesquisas reconhecido pelo CNPq (de que era pesquisadora com bolsa de pesquisa 1B), cujos integrantes e produção constante e de qualidade ultrapassaram as fronteiras do estado.

Maria Luíza amava tanto Portugal que seu sonho de vida era voltar sempre ao país, rever os amigos – não só os colegas da área acadêmica, mas os que havia feito entre as gentes comuns quando passara lá os tempos de seu pós-doutorado em Coimbra. Ela atravessara o país de ponta a ponta, conhecia seus mais belos monumentos históricos, suas cidades, aldeias, museus e obras de arte, fez amizade com pelo menos dois grandes autores, José Cardoso Pires, que até se hospedou em sua casa numa visita a Porto Alegre, e Miguel Torga, de que se orgulhava de ter obtido uma entrevista do arredio poeta e ficcionista, além dos laços depois estreitados. Mais tarde conheceu e tornou-se amiga também da escritora Lídia Jorge e do neorrealista José Urbano Tavares.

Em Portugal, granjeou a amizade e o respeito dos professores das maiores universidades: Helena Buescu e Inocência Mata, da Universidade de Lisboa; Ana Paula Arnaut, Cristina Robalo Cordeiro, José Luís Pires Laranjeira e Carlos Reis, da Universidade de Coimbra; Isabel Cristina Rodrigues, da Universidade de Aveiro; Maria do Rosário Cunha Duarte, da Universidade Aberta/Delegação de Coimbra; Arnaldo Saraiva, da Universidade do Porto; entre outros. Integrou desde sua fundação a Associação Internacional de Lusitanistas, comparecendo a seus congressos internacionais, sempre atuante e benquista.

Suas relações com Portugal não ficavam apenas no plano institucional, na troca de ideias e no intercâmbio de pesquisas. Maria Luíza mantinha-se sempre atualizada, tanto sobre as obras dos seus escritores amigos, quanto sobre os novos escritores e seus lançamentos, bem como sobre o que produziam os intelectuais e pesquisadores portugueses mais destacados. Adquiria seus livros e constituiu uma biblioteca particular sobre literatura portuguesa sem paralelo no sul do país, que alimentou gerações de alunos, através de empréstimos cuja devolução ela cobrava zelosamente. Muitos dos que hoje lecionam literatura portuguesa nas universidades e centros universitários da capital e do interior gaúcho – e em outros estados da União – devem seu primeiro contato com os autores mais contemporâneos à biblioteca de Maria Luíza e a seu empenho em acompanhar o que se publicava em Portugal.

Como professora universitária, além da disciplina de Literatura Portuguesa, era especializada em Narratologia, Literatura Comparada e Estudos Culturais, associando os conhecimentos dessas ao estudo das obras portuguesas e luso-africanas. Foi ela, também, que incentivou no sul os trabalhos sobre a produção dos escritores de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Açores e Timor-Leste, os quais divulgaram por aqui uma literatura até então pouco considerada. Autores como Mia Couto e Pepetela, por exemplo, foram objeto de vários estudos orientados por ela, em épocas em que seus livros ainda não circulavam no mercado em edições brasileiras e eram de difícil acesso. Se a literatura luso-africana é uma das poucas que atendem aos anseios de leitura e identidade da população afrodescendente brasileira, em parte isso se deve ao empenho de Maria Luíza em introduzi-la na Academia e valorizá-la em pé de igualdade com a produção portuguesa.

Os temas de estudo de sua predileção eram fundamentalmente ligados à narratologia, aplicada às literaturas lusófonas. Maria Luíza queria explorar as possibilidades das teorias sobre o romance, sobre o conto, mas logo enveredou por outros modos narrativos, como a autobiografia, as memórias, a crônica, os relatos de viagem, os testemunhos de vida. A relação entre História e literatura era um norte para suas investigações, derivando quase que necessariamente para as questões da subjetividade e dos processos identitários, para a consideração das diferenças culturais e para a exposição das injustiças dos processos de opressão, especialmente os coloniais, afetos tão diretamente à pátria de Camões.

Não só Portugal, porém, empolgou o interesse de Maria Luíza. Levada por um autêntico gosto pela cultura brasileira, e por sua militância na Juventude Universitária Católica nos anos 60, em que se comprometera com as causas da educação para todos, quando surgiu a oportunidade ela se pautou pela preservação da memória literária do Rio Grande do Sul, no que recebeu o incentivo de Regina Zilberman, voltando seus estudos também para as questões de história da literatura brasileira e para a crítica literária.

Buscou as melhores teorias sobre memória literária, assim como começou a reunir dados sobre um escritor de sua terra, Reynaldo Moura, ali mesmo, na UFSM; depois, ao ingressar na PUCRS, tornou-se uma das mais atuantes coordenadoras de acervos literários de então. Não só resgatou do esquecimento a obra e a figura de Moura, mas estabeleceu uma duradoura amizade com Nydia Guimarães ao organizar o acervo de

Josué, hoje na Universidade de Passo Fundo, e começou a selecionar os documentos de Moacyr Scliar, quando ainda existia o Centro de Memória Literária, agora renomeado de Espaço Delphus. A seu trabalho denotado devem Reynaldo Moura e Josué Guimarães, um, a renovação de sua presença entre os gaúchos e o outro, a preservação de sua memória e a difusão de sua literatura através de teses, dissertações, livros e artigos.

Esse foi um dos trabalhos pelos quais ela tinha especial carinho, um trabalho de paciente investigação de fontes, que resultou na recuperação de obras de ambos que estavam inéditas e teriam ficado perdidas, não fosse por seu empenho. De Reynaldo Moura, ela reconstituiu e editou *O crime do apartamento*, em 1995, e *Major Cantalício: vidinhas da Província*, publicado em 2002. De Josué Guimarães, trouxe à luz talvez seu livro mais polêmico, sobre sua viagem à Rússia e China comunistas, *As muralhas de Jericó*. Ainda como resultado de suas pesquisas, organizou um livro de ensaios sobre Josué Guimarães, o primeiro de que se tem notícias, intitulado *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*, e dois opúsculos que saíram pelo Instituto Estadual do Livro, um também sobre Josué, em segunda edição em 2006, e outro sobre Reynaldo Moura, de 1989.

Permanecem inéditas, porém, as volumosas coletâneas que organizou das crônicas jornalísticas de Josué, ainda à espera de editor. Deve-se registrar, também, a organização inicial do acervo de Moacyr Scliar, na PUCRS, participando com um ensaio sobre memória na coletânea *O viajante transcultural*, coordenado por Regina Zilberman e Zilá Bernd. Em 2004, fez parte de um dos livros brasileiros mais importantes sobre acervos, tanto que mereceu a chancela da prestigiada Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Chama-se *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*, e é coassinado com Regina Zilberman, que coordenou os trabalhos, Maria da Glória Bordini e Maria Eunice Moreira.

Essa devoção pelos estudos literários se reflete sobre sua produção escrita, em que primou por não dar relevo apenas a si mesma, mas em participar de diversos livros em coautoria ou por organizar coletâneas reunindo colegas e alunos. Nessa modalidade de cooperação, seu primeiro livro foi assinado com uma professora de Santa Maria, Lígia Militz da Costa. Intitulou-se *A tragédia: estrutura e história* e saiu pela Ática em 1987. Mais tarde, organizou *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*, em 1997; publicou, com alunos e colegas nacionais e internacionais, *O despertar de Eva: gênero e identidade na ficção de língua portuguesa*, em 2000. Em 2003, coassinou *Universidade e universalidade*, com Regina Zilberman e Car-

los Reis. Em 2005, participou de *Crítica do tempo presente: estudo, difusão e ensino de língua portuguesa*, junto com Regina Zilberman, que o coordenou, e Maria da Glória Bordini. Afora números de revistas inteiramente de sua responsabilidade, lançou *Identidades fraturadas: ensaios sobre literatura portuguesa*, em 2011, de sua iniciativa, com ensaios também de Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman, e, em 2012, em lançamento póstumo, *Transversais da memória: história e identidade na literatura portuguesa*, reunindo textos de vários colegas brasileiros e estrangeiros.

Na sua generosidade, abrindo espaço de publicação para colegas, alunos e ex-alunos, reservou uma parcela mínima para obras de sua autoria exclusiva. Entre estes, além dos citados opúsculos sobre Josué Guimarães e Reynaldo Moura, aparecem *Gaibéus: narrativa metafórica de estruturação metonímica*, sua dissertação de mestrado sobre Alves Redol, o inaugurador do neorrealismo em Portugal, publicada em 1976, e *O romance português contemporâneo*, sua tese de doutorado, de 1986, seu melhor trabalho, abrangendo desde o neorrealismo até os escritores dos anos 80, culminando com seu preferido, Cardoso Pires.

Do exame do conjunto das obras que Maria Luíza organizou, de que fez parte ou que escreveu sozinha, surgem mais claramente as diretrizes de sua atividade intelectual. Sua fidelidade à narrativa e seus múltiplos modos, às literaturas de língua portuguesa, às questões mais atualizadas dos estudos literários, como as da identidade, do multiculturalismo, da memória e da ficcionalidade, apontam para uma profissional sintonizada com sua época, cuja produção se balizou pela crença de que só narrada a vida permanece.

Ela se afligia com o poder do tempo e do esquecimento. Como prezava a vida acima de tudo, queria segurar a sua própria e a de todos que conhecia. Histórias de vida a fascinavam. Guardava carinhosamente as vivências de infância e juventude, recordava constantemente os pais e os irmãos que perdeu, os amigos da sua rua em Santa Maria, as excursões a Itaara, os passeios de bicicleta, os jogos de vôlei com sua turma, as férias em Bagé, as autoridades com que conviveu, como o reitor José Mariano da Rocha Filho, seus ex-alunos Tarso Genro, Nelson Jobim e outros, os bailes, jantares e encontros que haviam solidificado seus relacionamentos para além dos momentos passageiros. Assim igualmente cuidava de manter contato com seus colegas de vários tempos, ligando para eles, querendo saber de suas famílias e do que faziam, não por bisbilhotice, mas para conservá-los juntos de si.

Uma professora
exemplar

13

*Maria da
Glória Bordini*

14

Da sua carreira, do que Maria Luíza mais se orgulhava não era de sua produtividade ou do prestígio que angariara entre seus pares brasileiros ou estrangeiros. Era de sua atividade de educadora, que exercera, desde o ensino médio até os pós-doutorados, uma atividade que, como ela mesma repetia, sempre desenvolvera por amor e não por interesse. Ela não vacilava em usar a palavra amor e de impregnar suas relações pessoais e profissionais de legítimo afeto e cuidado. Amava lecionar, orientar e pesquisar. Amava sua família, seus amigos, seus colegas e seus alunos, a quem dedicava atenções maternais, não só instruindo-os e defendendo-os, mas também os encaminhando na vida pessoal e profissional. Sua prole intelectual deve a ela a continuidade dessa bela vida dedicada à leitura, ao estudo e à formação de bons cidadãos. Para seus amigos e conhecidos, fica a exemplaridade de um ser humano íntegro, resiliente, compassivo, capaz de compreensão e perdão, mas aguerrido, persistente e apaixonado por uma profissão hoje tão desvalorizada.